

O xamanismo sob a perspectiva de 20 povos

Primeira publicação no Brasil, depois de duas décadas, dedicada à reflexão sobre a prática xamânica de diferentes povos da América, Xamanismos ameríndios promove uma virada na compreensão dos modos de pensar e agir entendidos como xamanismos

Xamanismos ameríndios reúne artigos de autores indígenas e não indígenas a respeito dos xamanismos de 20 povos das Américas, originários de diversas regiões da Amazônia, Aridoamérica, Brasil Central, Canadá, Chaco, Llanos de Venezuela e Mesoamérica. São 18 textos, nos quais são explorados modos xamânicos particulares de conceber o mundo e agir nele: da permeação estética — a agência no mundo por meio da beleza e da poesia — associada à centralidade do sensível através de sons, cheiros, imagens, texturas e movimentos à sua *potência transformativa* de criar e transformar mundos. Explora também as alterações das práticas xamânicas ao longo do tempo e sua consequente abertura ao outro, em resposta ao mundo no qual estão inseridas.

A coletânea abrange povos indígenas da América do Norte — Olmeca, Wixárika, Tepehuano, Masewal e Atikamekw — e da América do Sul — Kaiowá, Guarani, Qom, Wauja, Huni Kuin, Yaminawa, Kulina, Yuhupdêh, Hupd'äh, Desana, Tariano, Ye'pâmasa (Makuna), Pumé, Tukano, Mebengokré (Xikrin). Ao reunir tal diversidade de trabalhos, o livro estabelece ressonâncias, aberturas, articulações e transversalidades xamânicas perpassadas pela diversidade linguística, geográfica, temporal e cosmológica.

O livro foi organizado a partir de dois grupos de trabalho, um no VII Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia e outro na 6ª Reunião Equatorial de Antropologia, ambos em 2019.

Sobre os organizadores

- **Aristoteles Barcelos** é professor associado e diretor de curso na Sainsbury Research Unit for the Arts of Africa, Oceania and the Americas (University of East Anglia, Norwich). É também museólogo no



Título *Xamanismos ameríndios: Expressões sensíveis e ações cosmopolíticas*

Autor Aristoteles Barcelos Neto, Laura Pérez Gil e Danilo Paiva Ramos (orgs.)

Editora Hedra

ISBN 978-85-7715-986-4

Pág. 504

Pré-venda 08/04

Lançamento 19/04

Preço R\$ 117,00

Museu Indígena Ulupuwene do Povo Wauja do Alto Xingu, professor colaborador do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (USP), *fellow* da British Higher Education Academy e membro do Conselho Internacional de Museus. Recebeu o Prêmio CNPq–Anpocs de melhor tese de doutorado em Ciências Sociais. Foi pesquisador visitante do CNPq no Laboratoire d'Anthropologie Sociale du Collège de France, da FAPESP na USP e do convênio Newton Fund/FAPESP na UNICAMP.

- **Laura Pérez Gil** é professora de Antropologia Americana na Universidad Complutense de Madrid, do departamento da Antropologia (em excedência) e do programa de pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná. Foi responsável pelas coleções de etnologia indígena, e posteriormente coordenadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da mesma universidade. Atua na área de Etnologia Indígena das Terras Baixas da América do Sul com povos de língua pano, especialmente sobre xamanismo, corporalidade, organização social e processos históricos. Igualmente, desenvolve e orienta pesquisas sobre coleções etnográficas em museus.
- **Danilo Paiva Ramos** é antropólogo, professor adjunto C do departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL–MG) e professor efetivo do programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS–UFSCar). É líder do grupo de pesquisa em Etnologia, Linguística e Saúde Indígena (ETNOLINSI, do CNPq). Desenvolve pesquisas em etnologia indígena, com ênfase em estudos sobre xamanismo, línguas indígenas, arte verbal e saúde indígena. É membro do Coletivo de Apoio aos Povos Yuhupdëh, Hupd'äh, Dâw e Nadëb (CAPYHDN) e da Associação Saúde Sem Limites (SSL).

Trechos do livro

- **Capítulo *A flauta-jaguar e o xamanismo wauja***

- A jaguaridade é um tema complexo na Amazônia e sua indexicalidade é amplamente heterogênea [...] não é completamente capturada por indexes materiais ou sensíveis; ela é constituída, antes de tudo, por ideias de poder e de transformação [...] Seguindo essa referência da identificação do jaguar como cachorro, retomo um trecho da narrativa de Itsakumã: “ele (o jaguar) veio andando na minha direção, como se eu fosse o dono dele, como se ele fosse o meu cachorro”. Essa aparição, de natureza claramente xamânica, era o prenúncio de que Itsakumã se tonaria, de fato, dono dos jaguares. A mansidão indicava uma aproximação entre iguais, pois, logo na noite depois do encontro na estrada, a alma de Itsakumã seria novamente levada pelos jaguares para suas aldeias para comer carne humana. Essa ideia de poder contida na *jaguaridade* raramente opera desvinculada de uma presença material e sensível.

- **Capítulo *Gaapi, a bebida cósmica dos desana***

- **Os seres primordiais:** Antes do mundo existia mūsĩ Dihtaru, onde viviam Abe, “Sol”, e Omě Mah, “Trovão”. Nesse lago celeste existiam três tipos de linhas de forças: a linha branca de nuvens, a linha preta de nuvens e a linha aquosa de nuvens. Além delas, no centro do lago, existia um pilar hiperbrilhante. Meu avô Toramü Bayaru, Venâncio Ramos, relatou que esse pilar era de breu, e que representava o próprio Abe, “Sol”. Por ser muito luminoso, nenhum ser podia aproximar-se dele. No ápice do pilar, ainda, havia um pedaço circular de pedra, do qual saíam três chamas de fogo: fogo de chama vermelha intensa, fogo de chama amarela intensa e fogo de chama verde intensa. Ao redor do pilar de breu havia sete cuias em círculo. Essas cuias representavam a fonte de vida e a força dos seres humanos. O líquido derretido do breu caía na forma de linhas e elas se juntavam

dentro das cuias. Esse evento significava a reconstrução da vida de Abe, e o breu derretido simbolizava a sua força essencial. A mancha escura simboliza, por outro lado, a força de Bhpo, que domina as nuvens — a força que emana do cigarro do *kumu*, “conhecedor” ou “xamã”.

- **Capítulo Ohendu: aprendendo a cantar entre os Kaiowá e Guarani**

- Como explicam os *opuraheiva*, os cantos atravessam os muitos domínios da vida guarani e são absolutamente fundamentais para a sustentação do mundo, por isso o cantar emerge não só como o principal fazer dos humanos. Os Kaiowá e Guarani aprendem com as vozes dos pássaros, das corredeiras, árvores e pedras, em suma, tudo que tem *ñe'*, “linguagem”, de modo que alguns objetos de seu xamanismo, como o chocalho *mbaraka*, o bastão de ritmo *takuapu*, a flauta *mimby*, e o arco de boca *guyrapa'i*, ainda que categorizados como instrumentos musicais, são dotados de estatutos ontológicos próprios.